

CASA VELHA

MACHADO

DE ASSIS

Veríssimo



CASA VELHA



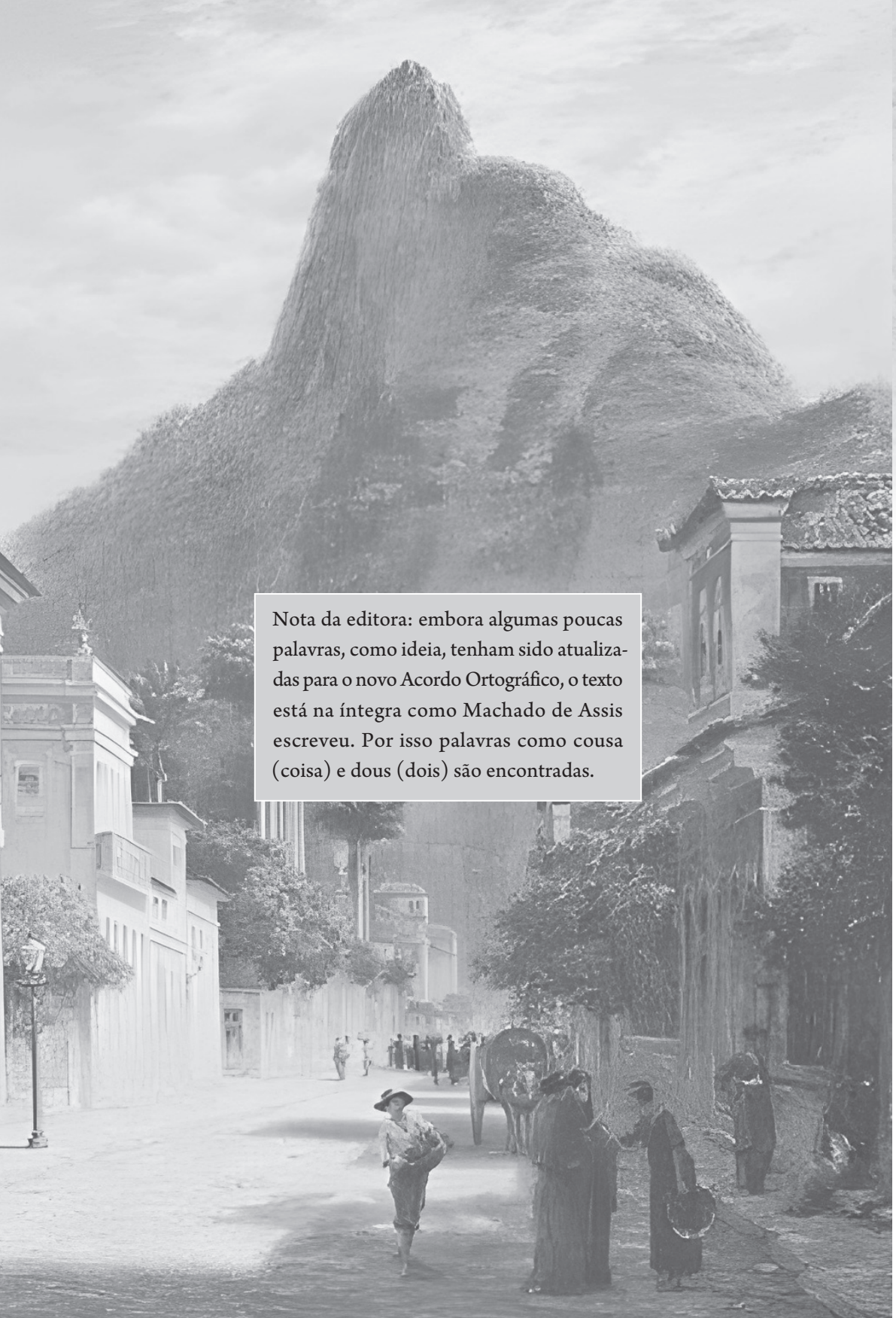


MACHADO
DE ASSIS

Casa Velha



Veríssimo



Nota da editora: embora algumas poucas palavras, como ideia, tenham sido atualizadas para o novo Acordo Ortográfico, o texto está na íntegra como Machado de Assis escreveu. Por isso palavras como cousa (coisa) e dous (dois) são encontradas.

Casa Velha: A redescoberta de um romance

Por José Almeida Júnior

UM ROMANCE DESAPARECIDO

Publicado primeiramente em folhetim na revista *A Estação* entre 15/01/1885 e 28/02/1886, o romance *Casa Velha* ficou desaparecido por quase sessenta anos. Apenas no ano de 1944, a escritora e estudiosa da obra machadiana Lúcia Miguel Pereira conseguiu reunir o folhetim e publicar em formato de livro.

Em vida, Machado de Assis não levou os originais para Tipografia Nacional, nem para a editora Garnier, como fizera nos romances anteriores após a publicação dos folhetins em jornais ou revistas. Por que Machado de Assis não se interessou em eternizar *Casa Velha* em uma edição definitiva? É possível que nunca saibamos a resposta. Talvez o caráter revolucionário de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em folhetim na *Revista Brasileira* em 1880 e em livro no ano seguinte, tenha desencorajado o escritor a levar adiante um romance mais tradicional na forma como *Casa Velha*.

Causa estranheza que os críticos literários e os confrades da Academia Brasileira de Letras não tenham se debruçado sobre *Casa Velha*. Desde os primeiros livros, a obra machadiana recebeu alguma repercussão na crítica dos jornais. Sílvio Romero chegou a dedicar um

livro inteiro para criticar o escritor: *Machado de Assis — Estudo comparativo de literatura brasileira* (1897).

Nos primeiros anos após a morte de Machado de Assis, Mário de Alencar se encarregou de reunir algumas crônicas machadianas para publicação em livro. Nos anos seguintes, coletâneas de contos e peças teatros também encontraram espaço no mercado editorial. *Casa Velha*, porém, continuava esquecida.

Em 1939, por ocasião do centenário do seu nascimento, o Estado Novo de Getúlio Vargas promoveu uma campanha para transformar Machado de Assis no grande escritor nacional. A vida do autor virou uma pequena cinebiografia rodada nos cinemas do país, obras e retratos foram distribuídos nas escolas, o rosto foi estampado em moedas e selos, praças e ruas receberam o nome do escritor. Nas comemorações, ressaltou-se a sua origem mestiça de maneira positiva, em consonância com os trabalhos então em voga de Gilberto Freyre.

Lúcia Miguel Pereira teve um papel fundamental na construção de Machado de Assis como o maior escritor brasileiro. Em 1936, a pesquisadora publicou *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*, com informações e dados que contribuíram para conhecer melhor a vida e obra do escritor. Ela chegou a entrevistar pessoas que conviveram com o autor de *Dom Casmurro*. A continuidade nas pesquisas de Lúcia a respeito da obra machadiana levou à redescoberta de *Casa Velha* no ano de 1944.

ENREDO

O enredo de *Casa Velha* se assemelha a outros romances da chamada primeira fase de Machado de Assis, ou fase romântica, como preferem alguns. O livro se inicia em 1839 — não por coincidência ano em que nasceu Machado de Assis. O padre, personagem-narrador do romance, decide escrever uma obra política sobre o Primeiro Reinado de D. Pedro I. Para realizar a pesquisa, procura a biblioteca de um ex-ministro, já falecido. A viúva, D. Antônia, nega acesso do padre à biblioteca, mas logo cede aos seus apelos.

Ao fazer as suas pesquisas, o padre se envolve na rotina da Casa Velha e nos problemas familiares. D. Antônia, durante o jantar, pede que convença o seu filho Félix a viajar com ele para a Europa. O padre procura Félix, mas o jovem rejeita a proposta. Logo o padre descobriria o motivo.

Claudia, mais conhecida como Lalau, uma agregada da família, encantava a todos na Casa Velha, em especial Félix. Segundo o padre-narrador, a menina “era uma criatura adorável, espigadinha, não mais de dezessete anos, dotada de um par de olhos, como nunca mais vi outros, claros e vivos, rindo muito por eles, quando não ria com a boca; mas se o riso vinha juntamente de ambas as partes, então é certo que a fisionomia humana confirmava com a angélica, e toda a inocência e toda alegria que há no céu pareciam falar por ela aos homens”.

O pai e a mãe de Lalau já haviam falecido. Eram agregados da Casa Velha. O pai, Romão Soares, exercia um ofício mecânico, e antes pertencera à guarda de cavalaria de polícia; já a mãe, Benedita Soares, era filha de um escrivão. Após a morte dos pais, Lalau foi viver com uma tia, mas as visitas à Casa Velha tinham uma certa constância.

O fascínio de Lalau desperta, por um momento, a volúpia do próprio padre: “Também eu amava a menina. Como era padre, e nada me fazia pensar em semelhante coisa, o amor insinuou-se-me no coração à maneira das cobras, e só lhe senti a presença pela dentada de ciúme”. Contido pelos votos do celibato, o padre procura fazer com que ela e Félix se casem: “a causa íntima da proteção que eu dava à pobre moça era, sem o saber, um sentimento especial. Onde eles viam um simples protetor gratuito existia um homem que, impedido de amar na terra, procurava ao menos fazê-la feliz com outro”.

D. Antônia desconfiava que Lalau e Félix começavam a se apaixonar. Apesar do apreço que tinha pela menina, a matriarca não queria permitir o casamento do filho com uma agregada.

CONFLITO DE CLASSES

O amor proibido entre uma agregada e um jovem aristocrata já fez parte de outros enredos de Machado de Assis. Em *A mão e a Luva* (1874), a ambiciosa Guiomar flerta com Jorge, sobrinho da baronesa. Em *Helena* (1876), a protagonista que dá nome ao romance se envolve numa relação supostamente incestuosa com Estácio. No último romance da primeira fase — *Iaiá Garcia* (1878), Estela, Jorge e Iaiá formam um triângulo amoroso. Para Lúcia Miguel Pereira, os três romances acima citados se caracterizam pela ambição; para Roberto Schwarz, pelo paternalismo. Nas três obras, a figura da agregada que se envolve em um amor proibido com um homem rico está presente, e é reveladora do conflito de classes. A ascensão social da agregada pelo casamento com um aristocrata encontra barreiras nas castas da sociedade patriarcal e escravista do Segundo Reinado.

Em *Casa Velha*, a agregada é a jovem Lalau. Segundo o padre-narrador, a menina era tratada como se fosse da família: “Lalau, se não nasceu ali, ali foi criada e tratada sempre, ela como a mãe, no mesmo pé de outras relações; eram menos agregadas que hóspedes. Daí a intimidade desta mocinha, que chegava a infringir a ordem austera da casa, não indo para a mesa com a dona dela. Lalau andava na própria sege de D. Antônia, vivia do que esta lhe dava, e não lhe dava pouco; em compensação, amava sinceramente a casa e a família. Tendo ficado órfã desde 1831, D. Antônia cuidou de lhe completar a educação; sabia ler e escrever, coser e bordar; aprendia agora a fazer crivo e renda”.

No entanto, o leitor não demora a descobrir que o tratamento dado a Lalau nunca seria o mesmo dos demais integrantes da família. D. Antônia não permitiria o casamento da agregada com o filho, nem que para isso inventasse que os dois eram irmãos por parte de pai. A relação de Lalau e Félix, para a matriarca, era impura, incestuosa.

Depois de saber que D. Antônia planejava casar Lalau com Vitorino, o filho do segeiro — responsável pelas carruagens, o padre tenta convencer Félix a se casar com a agregada: “Há grande diferença social entre um e outro, mas a natureza, assim como a sociedade a

corrige, também às vezes corrige a sociedade. Compensações que Deus dá. Acho-os dignos um do outro; os sentimentos dela e os seus são da mesma espécie. Ela é inteligente, e o que lhe poderia faltar em educação já sua mãe lho deu. Teria alguma dúvida em casar com ela?”.

D. Antônia frustra as intenções do padre em casar Félix com Lalau, deixando claro a diferença social dos dois: “Quer ouvir por que razão não podem casar? Porque não podem. Não lhe nego nada a respeito dela; é muito boa menina, dei-lhe a educação que pude, não sei se mais do que convinha, mas, enfim, está criada e pronta para fazer a felicidade de algum homem. Que mais há de ser? Nós não vivamos no mundo da lua, Reverendíssimo. Meu filho é meu filho, e, além desta razão, que é forte, precisa de alguma aliança de família. Isto não é novela de príncipes que acabam casando com roceiras, ou de princesas encantadas. Faça-me o favor de dizer com que cara daria eu semelhante notícia aos nossos parentes de Minas e de S. Paulo?”.

O padre e D. Antônia tentam chegar a um acordo a respeito das duas propostas de casamento: Lalau com Vitorino, filho do segeiro; e Lalau com Félix. Nos dois arranjos, havia uma diferença de classe social intransponível. A matriarca confessa: “A escolha do Vitorino era filha de um mau sentimento; era um modo, não só de os separar, mas até de a castigar um pouco. Perdoe-me, Reverendíssimo; cedi ao meu orgulho ofendido. Mas deixemos o Vitorino; convenho que não é digno dela. É bom rapaz, mas não está no mesmo grau de educação que dei a Lalau. Vamos a outro; podemos arranjar-lhe empregado do foro, ou mesmo pessoa de negócio”.

D. Antônia tinha uma candidata para se casar com Félix: Sinhazinha, a neta da baronesa. Com título de nobreza, Sinhazinha garantiria um bom casamento para o filho da matriarca, de modo que o arranjo familiar poderia até aumentar as riquezas da família. Sinhazinha era herdeira única de duas fazendas grandes, com setecentas cabeças e muita prata. Além de tudo, a jovem tinha educação privilegiada, apresentava comportamento nobre e se portava com elegância superior a Lalau.

Em conversa com o padre, Lalau se ressentia por ser preterida por uma mulher de classe superior: “Devia ser assim mesmo; eu não valho

nada, não sou nada, não tenho avó baronesa, sou uma agregadazinha. Mas então por que enganar-me tanto tempo? Para caçoar comigo?”.

Sinhazinha representa a classe proprietária, com título de nobreza. Lalau simboliza a classe intermediária, sem título, sem propriedade, sem dote, posicionando-se entre os proprietários e os escravizados; apesar de livre, sujeitava-se a uma relação de dependência e a uma vontade senhorial.

Como nos personagens masculinos da primeira fase de Machado de Assis, Félix se mostra uma figura fraca. Embora pertença à classe proprietária, está subordinado à estrutura da sociedade de classes. Félix não é capaz de decidir sobre o próprio casamento, sem violar a ordem hierárquica. Mesmo após a morte do ex-ministro, a vontade do homem se manifesta na pessoa de D. Antônia. Embora mulher, D. Antônia reproduz a vontade patriarcal.

ROMANCE AUTOBIOGRÁFICO

Machado de Assis deixou poucos escritos do período de sua infância no Morro do Livramento. O brasilianista Jean-Michel Massa escreveu a melhor biografia desse momento em *A juventude de Machado de Assis* (1839-1870), com revelações então inéditas. Até hoje há poucas informações da juventude do escritor, o que levanta especulações a respeito do caráter autobiográfico de *Casa Velha*.

No romance, as pessoas chamavam o local de Casa Velha, pois era uma construção antiga, que datava do final do século XVIII. Como descreve o padre-narrador: “era uma edificação sólida e vasta, gosto severo, nua de adornos. Eu, desde criança, conhecia-lhe a parte exterior, a grande varanda da frente, os dois portões enormes, um especial às pessoas da família e às visitas, e outro destinado ao serviço, às cargas que iam e vinham, às seges, ao gado que saía a pastar”.

Como na ficção, Machado de Assis nasceu no Morro do Livramento e conviveu como agregado em uma chácara, composta por uma casa grande, com biblioteca, capela e intensa movimentação de trabalhadores — escravos ou livres, e agregados.

No livro, a Casa Velha é comandada pela viúva D. Antônia. Segundo o padre-narrador: “D. Antônia governava esse pequeno mundo com muita discrição, brandura e justiça. Nascera dona de casa; no próprio tempo em que a vida política do marido, e a entrada deste nos conselhos de Pedro I podiam tirá-la do recesso e da obscuridade, só a custo e raramente os deixou”.

Na chácara do Livramento, quem administrava era a matriarca Maria José de Mendonça Barroso Pereira, madrinha de Machado de Assis. Assim como D. Antônia, ela era viúva de um ex-ministro de Dom Pedro I: Bento Barroso Pereira.

CASA VELHA É UMA OBRA MENOR?

O fato de Machado de Assis não ter se empenhado em publicar *Casa Velha* em livro, bem como pela temática se aproximar dos romances da primeira fase, poderia levar o leitor à conclusão precipitada de que *Casa Velha* seria uma obra de menor relevância na produção literária machadiana.

Lúcia Miguel Pereira acreditava que Machado de Assis teria escrito *Casa Velha* antes de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), embora a publicação em folhetim tenha ocorrido entre 1885 e 1886. Segundo a pesquisadora, *Casa Velha* se aproximaria dos romances do ciclo da ambição, em que uma agregada tenta ascender socialmente através do casamento. Por sua vez, John Gledson defende que *Casa Velha* foi escrito a partir do ano de 1885, tendo em vista que o romance apresenta técnicas narrativas e abordagem histórica semelhantes à obra da fase madura do escritor.

Só pelos aspectos autobiográficos revelados em *Casa Velha*, é possível afirmar que não se trata de uma obra menor. Pelo contrário, através do padre-narrador, Machado de Assis apresenta a estrutura física e social de uma casa grande, com características muito semelhantes à chácara do Livramento onde nasceu e viveu a juventude.

Além do mais, o romance explora aspectos históricos do Brasil, especialmente da época conturbada da Regência. O padre Feijó, que

exerceu a função de Regente do Império entre 1835 e 1837, é citado de maneira negativa em diálogos no livro. O narrador também se refere em diversas passagens às notícias do Sul, em alusão à Revolução Farroupilha (1835-1845).

A redescoberta de *Casa Velha* tem muito a contribuir com a História do Brasil e com os estudos machadianos. Como defende Silviano Santiago no ensaio *Retórica da Verossimilhança*, é preciso entender a obra de Machado de Assis como um todo. Situando-se entre a primeira fase (para alguns, romântica) e a fase madura (realista), *Casa Velha* pode ser a chave para desvendar questões biográficas e literárias do nosso maior escritor.

Boa leitura!

José Almeida Júnior é escritor, pesquisador e defensor público. Autor de *Bebida Amarga*, *O Homem que Odiava Machado de Assis* e *Última Hora*, romance vencedor do Prêmio Sesc de Literatura e finalista dos Prêmios Jabuti e São Paulo de Literatura.

I

ANTES E DEPOIS DA MISSA

AQUI ESTÁ O QUE CONTAVA, HÁ MUITOS ANOS, UM VELHO
cônego da Capela Imperial:

— Não desejo ao meu maior inimigo o que me aconteceu no mês de abril de 1839. Tinha-me dado na cabeça escrever uma obra política, a história do reinado de D. Pedro I. Até então desperdiçara algum talento em décimas e sonetos, muitos artigos de periódicos, e alguns sermões, que cedia a outros, depois que reconheci que não tinha os dons indispensáveis ao púlpito. No mês de agosto de 1838 li as Memórias que outro padre, Luís Gonçalves dos Santos, o Padre Perereca chamado, escreveu do tempo do rei, e foi esse livro que me meteu em brios. Achei-o seguramente medíocre, e quis mostrar que um membro da igreja brasileira podia fazer cousa melhor.

Comecei logo a recolher os materiais necessários, jornais, debates, documentos públicos, e a tomar notas de toda a parte e de tudo. No meado de fevereiro, disseram-me que, em certa casa da cidade, acharia, além de livros, que poderia consultar, muitos papéis manuscritos, alguns reservados, naturalmente importantes, porque o dono da casa, falecido desde muitos anos, havia sido ministro de Estado.

Compreende-se que esta notícia me aguçasse a curiosidade. A casa, que tinha capela para uso da família e dos moradores próximos, tinha também um padre contratado para dizer missa aos domingos, e confessar pela quaresma: era o Rev. Mascarenhas. Fui ter com ele para que me alcançasse da viúva a permissão de ver os papéis.

— Não sei se lhe consentirá isso, disse-me ele; mas vou ver.

— Por que não há de consentir? E claro que não me utilizarei senão do que for possível, e com autorização dela.

— Pois sim, mas é que livros e papéis estão lá em grande respeito. Não se mexe em nada que foi do marido, por uma espécie de veneração, que a boa senhora conserva e sempre conservará. Mas enfim vou ver, e far-se-á o que for possível.

Mascarenhas trouxe-me a resposta dez dias depois. A viúva começou recusando; mas o padre instou, expôs o que era, disse-lhe que nada perdia o devido respeito à memória do marido consentindo que alguém folheasse uma parte da biblioteca e do arquivo, uma parte apenas; e afinal conseguiu, depois de longa resistência, que me apresentasse lá. Não me demorei muito em usar do favor; e no domingo próximo acompanhei o Padre Mascarenhas.

A casa, cujo lagar e direção não é preciso dizer, tinha entre o povo o nome de Casa Velha, e era-o realmente: datava dos fins do outro século. Era uma edificação sólida e vasta, gosto severo, nua de adornos. Eu, desde criança, conhecia-lhe a parte exterior, a grande varanda da frente, os dous portões enormes, um especial às pessoas da família e às visitas, e outro destinado ao serviço, às cargas que iam e vinham, às segas, ao gado que saía a pastar. Além dessas duas entradas, havia, do lado oposto, onde ficava a capela, um caminho que dava acesso às pessoas da vizinhança, que ali iam ouvir missa aos domingos, ou rezar a ladainha aos sábados.

Foi por esse caminho que chegamos à casa, às sete horas e poucos minutos. Entramos na capela, após um raio de sol, que brincava no azulejo da parede interior onde estavam representados vários passos da Escritura. A capela era pequena, mas muito bem tratada. Ao rés-do-chão, à esquerda, perto do altar, uma tribuna servia privativamente à dona da casa, e às senhoras da família ou hóspedes, que

entravam pelo interior; os homens, os fâmulos e vizinhos ocupavam o corpo da igreja. Foi o que me disse o Padre Mascarenhas explicando tudo. Chamou-me a atenção para os castiçais de prata, para as toalhas finas e alvíssimas, para o chão em que não havia uma palha.

— Todos os paramentos são assim, concluiu ele. E este confessorário? Pequeno, mas um primor.

Não havia coro nem órgão. Já disse que a capela era pequena; em certos dias, a concorrência à missa era tal que até na soleira da porta vinham ajoelhar-se fiéis. Mascarenhas faz-me notar à esquerda da capela o lugar em que estava sepultado o ex-ministro. Tinha-o conhecido, pouco antes de 1831, e contou-me algumas particularidades interessantes; falou-me também da piedade e saudade da viúva, da veneração em que tinha a memória dele, das relíquias que guardava, das alusões frequentes na conversação.

— Lá verá na biblioteca o retrato dele, disse-me.

Começaram a entrar na igreja algumas pessoas da vizinhança, em geral pobres, de todas as idades e cores. Dos homens alguns, depois de persignados e rezados, saíam, outra vez, para esperar fora, conversando, a hora da missa. Vinham também escravos da casa. Um destes era o próprio sacristão; tinha a seu cargo, não só a guarda e asseio da capela, mas também ajudava a missa, e, salvo a prosódia latina com muita perfeição. Fomos achá-lo diante de uma grande cômoda de jacarandá antigo, com argolas de prata nos gavetões, concluindo os arranjos preparatórios. Na sacristia, entrou logo depois um moço de vinte anos mais ou menos, simpático, fisionomia meiga e franca, a quem o Padre Mascarenhas me apresentou; era o filho da dona da casa, Félix.

— Já sei, disse ele sorrindo, mamãe me falou de V. Rev.^{ma}. Vem ver o arquivo de papai?

Confiei-lhe rapidamente a minha ideia, e ele ouviu-me com interesse. Enquanto falávamos vieram outros homens de dentro, um sobrinho do dono da casa, Eduardo, também de vinte anos, um velho parente, Coronel Raimundo, e uns dous ou três hóspedes. Félix apresentou-me a todos, e, durante alguns minutos, fui naturalmente objeto de grande curiosidade. Mascarenhas, paramentado e de pé, com o

cotovelo na borda da cômoda, ia dizendo alguma cousa, pouca; ouvia mais do que falava, com um sorriso antecipado nos lábios, voltando a cabeça a miúdo para um ou outro. Félix tratava-o com benevolência e até deferência; pareceu-me inteligente, lhano e modesto. Os outros apenas faziam coro. O coronel não fazia nada mais que confessar que tinha fome; acordara cedo e não tomara café.

— Parece que são horas, disse Félix; e, depois de ir à porta da capela: — Mamãe já está na tribuna. Vamos?

Fomos. Na tribuna estavam quatro senhoras, duas idosas e duas moças. Cumprimentei-as de longe, e, sem mais encará-las, percebi que tratavam de mim, falando umas às outras. Felizmente o padre entrou daí a três minutos, ajoelhamo-nos todos, e seguiu-se a missa que, por fortuna do coronel, foi engrolada. Quando acabou, Félix foi beijar a mão à mãe e à outra senhora idosa, tia dele; levou-me e apresentou-me ali mesmo a ambas. Não falamos do meu projeto; tão-somente a dona da casa disse-me delicadamente:

— Está entendido que V. Rev.^{ma} faz-nos a honra de almoçar conosco?

Inclinei-me afirmativamente. Não me lembrou sequer acrescentar que a honra era toda minha.

A verdade é que me sentia tolhido. Casa, hábitos, pessoas davam-me ares de outro tempo, exalavam um cheiro de vida clássica. Não era raro o uso de capela particular; o que me pareceu único foi a disposição daquela, a tribuna de família, a sepultura do chefe, ali mesmo, ao pé dos seus, fazendo lembrar as primitivas sociedades em que florescia a religião doméstica e o culto privado dos mortos. Logo que as senhoras saíram da tribuna, por uma porta interior, voltamos à sacristia, onde o Padre Mascarenhas esperava com o coronel e os outros. Da porta da sacristia, passando por um saguão, descemos dous degraus para um pátio, vasto, calçado de cantaria, com uma cisterna no meio. De um lado e outro corria um avarandado, ficando à esquerda alguns quartos, e à direita a cozinha e a copa. Pretas e moleques espia-vam-me, curiosos, e creio que sem espanto, porque naturalmente a minha visita era desde alguns dias a preocupação de todos. Com efeito, a casa era uma espécie de vila ou fazenda, onde os dias, ao

contrário de um rifão peregrino, pareciam-se uns com os outros; as pessoas eram as mesmas, nada quebrava a uniformidade das cousas, tudo quieto e patriarcal.

D. Antônia governava esse pequeno mundo com muita discrição, brandura e justiça. Nascera dona de casa; no próprio tempo em que a vida política do marido e a entrada deste nos conselhos de Pedro I podiam tirá-la do recesso e da obscuridade, só a custo e raramente os deixou. Assim é que, em todo o ministério do marido, apenas duas vezes foi ao paço. Era filha de Minas Gerais, mas foi criada no Rio de Janeiro, naquela mesma Casa Velha, onde casou, onde perdeu o marido e onde lhe nasceram os filhos — Félix, e uma menina que morreu com três anos. A casa fora construída pelo avô, em 1780, voltando da Europa, donde trouxe ideias de solar e costumes fidalgos; e foi ele, e parece que também a filha, mãe de D. Antônia, quem deu a esta a pontazinha de orgulho, que se lhe podia notar, e quebrava a unidade da índole desta senhora, essencialmente chã. Inferi isso de algumas anedotas que ela me contou de ambos, no tempo do rei. D. Antônia era antes baixa que alta, magra, muito bem composta, vestida com singeleza e austeridade; devia ter quarenta e seis a quarenta e oito anos.

Poucos minutos depois estávamos almoçando. O coronel, que afirmava, rindo, ter um buraco de palmo no estômago, nem por isso comeu muito, e durante os primeiros minutos, não disse nada; olhava para mim, obliquamente, e, se dizia alguma coisa, era baixinho, às duas moças, filhas dele; mas desforrou-se para o fim, e não conversava mal. Félix, eu e o Padre Mascarenhas falávamos de política, do ministério e dos sucessos do Sul. Notei desde logo, no filho do ministro, a qualidade de saber escutar, e de dissentir parecendo aceitar o conceito alheio, de tal modo que, às vezes, a gente recebia a opinião devolvida por ele, e supunha ser a mesma que emitira. Outra coisa que me chamou a atenção foi que a mãe, percebendo o prazer com que eu falava ao filho, parecia encantada e orgulhosa. Compreendi que ela herdara as naturais esperanças do pai, e redobrei de atenção com o filho. Fi-lo sem esforço; mas pode ser também que entrasse por alguma coisa, naquilo, a necessidade de captar toda a afeição da casa. por motivo do meu projeto.

Foi só depois do almoço que falamos do projeto. Passamos à varanda, que comunicava com a sala de jantar, e dava para um grande terreiro; era toda ladrilhada, e tinha o teto sustentado por grossas colunas de cantaria. D. Antônia chamou-me, sentei-me ao pé dela, com o Padre Mascarenhas.

— Reverendíssimo, a casa está às suas ordens, disse-me ela. Fiz o que o Sr. Padre Mascarenhas me pediu, e a muito custo, não porque o não julgue pessoa capaz, mas porque os livros e papéis de meu marido ninguém mexe neles.

— Creia que agradeço muito...

— Pode agradecer, interrompeu ela sorrindo; não faria isto a outra pessoa. Precisa ver tudo?

— Não posso dizer se tudo; depois de um rápido exame, saberei mais ou menos o que preciso. E V. Ex.^a também há de ser um livro para mim, e o melhor livro, o mais íntimo...

— Como?

— Espero que me conte algumas cousas, que hão de ter ficado escondidas. As histórias fazem-se em parte com as notícias pessoais. V. Ex.^a, esposa de ministro...

D. Antônia deu de ombros.

— Ah! Eu nunca entendi de política; nunca me meti nessas cousas.

— Tudo pode ser política, minha senhora; uma anedota, um dito, qualquer cousa de nada, pode valer muito.

Foi neste ponto que ela me disse o que acima referi; vivia em casa, pouco saía, e só foi ao paço duas vezes. Confessou até que da primeira vez teve muito medo, e só o perdeu por se lembrar a tempo de um dito do avô.

— Saí de casa tremendo. Era dia de gala, ia trajada à corte; pelas portinholas do coche via muita gente olhando parada. Mas quando me lembrava que tinha de cumprimentar o imperador e a imperatriz, confesso que o coração me batia muito. Ao descer do coche, o medo cresceu, e ainda mais quando subi as escadas do paço. De repente, lembrou-me um dito de meu avô. Meu avô, quando aqui chegou o rei, levou-me a ver as festas da cidade, e, como eu, ainda mocinha,

impressionada, lhe dissesse que tinha medo de encarar o rei, se ele aparecesse na rua, olhou para mim, e disse com um modo muito sério que ele tinha às vezes: “Menina, uma Quintanilha não treme nunca!”. Foi o que fiz, lembrou-me que uma Quintanilha não tremia, e, sem tremer, cumprimentei Suas Majestades.

Rimo-nos todos. Eu, pela minha parte, declarei que aceitava a explicação e não lhe pediria nada; e depois falei de outras cousas. Parece que estava de veia, se não é que a conversação da viúva me meteu em brios. Veio o filho, veio o cunhado, vieram as moças, e posso afirmar que dei a melhor impressão em todos; foi o que o Padre Mascarenhas me confirmou, alguns dias depois, e foi o que notei por mim mesmo.